

Literatura e Comunicação: por que comparar?

07/09/2004

Edônio Alves do Nascimento*

Tomemos, de início, estas duas citações que abaixo seguem como inspiradoras do raciocínio que se vai elaborar aqui para efeito da discussão de um questionamento que pretendemos desenvolver neste pequeno espaço com um intuito, digamos, meramente ensaístico. E, nunca é demais lembrar, ensaístico na exata acepção do termo: a que confere a um texto o seu caráter de experimento, de digressão leve sobre um tema, de despreensão, enfim. Desçamos a ele, o texto e as citações, portanto:

1 - *"Entre os valores que gostaria que fossem transferidos para o próximo milênio está principalmente este: o de uma literatura que tome para si o gosto da ordem intelectual e da exatidão, a inteligência da poesia juntamente com a da ciência e da filosofia". Ítalo Calvino (Seis Propostas para o Próximo Milênio – Companhia das Letras, S. Paulo, 1990).*

2 - *"Escrever é abalar os sentidos do mundo, dispor nele uma interrogação indireta, à qual o escritor, por último suspense, se abstém de responder. A resposta é cada um que a dar, pondo nela a sua história, a sua linguagem, a sua liberdade". Roland Barthes (Mitologias – Ed. Signos, Lisboa/Portugal, 1988).*

Circunstanciando as duas "falas" acima temos primeiro, evidências, as preocupações do escritor italiano Ítalo Calvino esboçadas de maneira rigorosa e teleológica em sua obra já referida em que ele, instado por um convite para ministrar uma série de palestras na Universidade de Harvard, Estados Unidos, sobre "Leituras Poéticas", desenvolve como contributo pessoal as atuais discussões no campo da literatura, resumindo-as no que diz ele serem os valores que a literatura deve legar ao próximo milênio.

Nesta sua exposição, em que o escritor se serve da companhia exemplar de grandes luminárias da literatura do nosso século, Calvino cita cinco valores (leveza, rapidez, exatidão, visibilidade e multiplicidade) nos quais acredita residir toda a força da literatura produzida pelo milênio que se finda. Notem bem, de todo o milênio que se finda.

Ítalo Calvino, à maneira de Roland Barthes (do qual falaremos ainda) propugna neste seu livro a perspectiva da "escrita" incorporar, através desses valores citados: – "A leveza – Diz ele – para mim está associada à precisão e à determinação, nunca ao que é vago e aleatório"-, a perspectiva da escrita incorporar, retomemos, à sua instância descritiva, nomeadora, classificadora, em que se fundamenta como linguagem-objeto, o seu potencial estético, metalingüístico (de linguagem segunda), na acepção barthesiana do termo, formando assim, processos culturais mais complexos que vão configurar a natureza da obra de arte no mundo contemporâneo.

Ora, é exatamente para este ponto que confluem as teorizações de Roland Barthes no seu livro Mitologias, em que ao analisar os múltiplos planos da linguagem, através da noção de "escrita", o faz na perspectiva de dar ao fazer textual a dimensão de um processo em que a linguagem, na sua instância nomeadora (repita-se, de linguagem-objeto) se une a sua instância reflexiva, auto-questionadora, metalingüística, juntando crítica e literatura à tarefa comum do escritor.

Assim, tanto Barthes como Ítalo Calvino, cuja produção teórica, intelectual e estética são provas contundentes de uma reivindicação legítima do direito do escritor à "escrita", não fazem mais do que atestarem a devida coerência com a sua prática de críticos-escritores que o são na sua mais alta validade. Em Roland Barthes, por exemplo, a

fundamentação do que está supra-referido se expõe em obras da sua fase pós estruturalista como *O Prazer do Texto*, *O Império do Signo*, *A Câmara Clara*, *Fragmentos de um Discurso Amoroso*, *Mitologias* etc., assim como ocorre no Ítalo Calvino pós neo-realista e já dedicado ao experimentalismo criador de sua literatura em obras como *Palomar*, *Cidades Invisíveis*, *As Cosmômicas*, *Por que Ler os Clássicos* e *Seis Propostas para o Próximo Milênio*, entre outras.

Ora, o elenco de obras acima mencionado foi arrolado ao contexto tão somente para fundamentar o que se quer recuperar aqui como a existência, já na contemporaneidade crítico-literária, de práticas de “processos culturais” que reconfiguram - ou estão reconfigurando, como queiram – a natureza da obra de arte deste fim de século.

E, a partir desta constatação, que perspectivas se abrem à Literatura Comparada como disciplina teórica ou campo de conhecimento específico que tem como objeto o defrontar-se com as novas práticas contemporâneas do fazer literário? E não só isso, que tem como objeto não apenas a comparação transhistórica das obras produzidas no Brasil ou fora dele, mas também a preocupação de flagrar, analisar e reposicionar, do ponto de vista crítico (e também literário, já que a Literatura Comparada assumirá, na perspectiva aqui exposta, o estatuto de “escritura” com toda a acepção barthesiana emprestada ao termo), a obra literária sobre a qual se deverá debruçar?

Ou, mais que isso, o que tem a ver a Comunicação Social com este fato? O que a Comunicação, com seu elenco de disciplinas afins, quase todas voltadas direta ou indiretamente para o fenômeno da linguagem enquanto prática comunicativa, cultural e artística, pode fazer para integrar-se à perspectiva aqui desenvolvida de “espaço de escritura” e não apenas de domínio de conhecimento voltado para a pesquisa cognitiva e desenvolvimento técnico-científico de uma sociedade comunicacional por excelência?

Já que escrever é abalar os sentidos do mundo (e o mundo aqui comporta o universo acadêmico-crítico, com todas as suas disciplinas teóricas regulares que se preocupam, na sua especificidade, em “emprestar sentido a este mundo”), caberá a meu ver, tanto à Comunicação como à Literatura Comparada, um esforço interdisciplinar comum, no âmbito dos desafios intelectuais do nosso tempo, tempo da velocidade (e da *rapidez*, no sentido Calviniano), tempo da compressão simultânea dos saberes (mas da necessidade da *leveza*) investir numa reconfiguração paradigmática que possa estar apta a ler com mais adequação a correspondente reconfiguração do seu objeto: as obras de arte contemporâneas (e até extemporâneas) com o auxílio das suas disciplinas congêneres: as Teorias da Literatura, as Teorias da Comunicação e a Crítica Literária, por exemplo.

Portanto, a resposta a este enfrentamento aqui proposto tanto para a Literatura Comparada quanto para a Comunicação dos dias atuais, só nós, enquanto alunos, professores, pesquisadores, produtores de literatura, de crítica, de teorias; de sentido, enfim, é que devemos dar, pondo nela a nossa história (humana e profissional, é claro), a nossa linguagem (agora sob nova reconfiguração), e, finalmente, a nossa liberdade - ainda que limitada pelos rigores formais da atividade acadêmica.

***Edônio Alves do Nascimento** é jornalista, poeta, escritor e professor do Departamento de Comunicação da UFPB. Mestre em Literatura Comparada pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte.